

**Revista De História Da Educação: Um Olhar Histórico E Bibliométrico
(2017-2019)**

**Journal of the History of Education: A Historical and Bibliometric View
(2017-2019)**

**Revista de Historia de la Educación: Una Mirada Histórica y Bibliométrica
(2017-2019)**

Recebido: 14/09/2021 | Revisado: 18/09/2021 | Aceito: 01/10/2021 | Publicado: 18/10/2021

Gislaine Kalinowski

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4760-4330>

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.

E-mail: gizerosa@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho foca nos artigos publicados na Revista de História da Educação (RHE), editada pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) entre 2017 e 2019, conceituada como A1 no sistema QUALIS/CAPES. Compreender o que se publica em História da Educação em uma revista que além de bem-conceituada faz parte da constituição histórica do campo de História da Educação, fornece elementos importantes para a compreensão de como esse campo se apresenta hoje. O objetivo é elencar e analisar as temáticas presentes na revista, seus recortes históricos e geográfico. A metodologia utilizada está ancorada tanto na bibliometria, como na pesquisa histórica. A coleta de dados se deu com o subsídio de uma tabela que designava o número, volume, mês/ano da publicação; título; autor (es) e sua (s) filiação (ões); palavras – chaves, número de páginas, recortes temporal e geográfico; temática. O tratamento ficou circunscrito aos recortes temporal, geográfico e temático. Em relação a periodização, os séculos XV, XVI, XVII e XVIII são menos abordados, juntos representam 10 %, a maior parte das pesquisas focam em períodos mais recentes, o século XX, representa 56%, o XIX, é tratado em 23% e o XXI, em 11% dos artigos. Essa constatação relaciona-se com a disponibilidade de fontes. Porém, outros elementos,

como as temáticas abordadas, podem construir uma explicação mais precisa. Os recortes geográficos apontam para pesquisas sobre o Brasil em 49 %, a Europa, em 26% e América do Sul, em 10 % dos artigos. Trabalhos articulando países de diferentes continentes somam 14 % e tratam de relações sul-americanas ou entre a América do Sul e Europa. Apenas 1% dos artigos tratam da América do Norte. Apesar do forte diálogo internacional, este fica restrito à Europa e aos países vizinhos, demonstrando limites na internacionalização, com reforço de diálogo com atores já bem estabelecidos. Em relação as temáticas, elas foram categorizadas em 17 temas, mas observou-se concentração em alguns. Quase um quarto dos artigos (24%) trataram da temática “Ideias Educativas, Sistemas de Pensamentos, Intelectuais e Educação”; 12 % da “Impressos Educacionais – manuais, livros didáticos, periódicos”; 8 % da “Profissão Docente, Memórias e Formação de Professores”; 6 % da “Disciplinas Escolares, Currículos, Cultura Escolar”. Publicações com assuntos tradicionais seguem como principais e questões emergentes como gênero, questões etno-raciais e infância tem menor presença. Esse levantamento aponta questões pertinentes a caracterização de uma revista com a melhor avaliação institucional, como também sobre o que de forma geral se pesquisa no Brasil e com quem se privilegia o diálogo. Descortinam-se possibilidades: validação de novas fontes, ou novos tratamentos, capazes de recuar na periodização se mostra como desafio a ser encarado; bem como propor novos interlocutores internacionais e um esforço para transpor a pluralidade de perspectivas de Educação como um todo para a História da Educação em particular.

Palavras-chave: Revista de História da Educação; Bibliometria; Pesquisa em História da Educação.

Abstract

This paper focuses on articles published in the Revista de História da Educação (RHE), edited by the Association of Researchers in the History of Education (ASPHE) between 2017 and 2019, classified as A1 in the QUALIS/CAPES system. Understanding what is published in the History of Education in a journal that, in addition to being well-regarded, is part of the historical constitution of the History of Education field, provides important elements for understanding how this field presents itself today. The objective is to list and analyze the themes present in the journal, its historical and geographic clippings. The methodology used is anchored both in bibliometrics and in historical research. Data

collection took place with the subsidy of a table that designated the number, volume, month/year of publication; title; author(s) and his/her affiliation(s); words – keys, number of pages, time and geographic clippings; thematic. The treatment was limited to temporal, geographic and thematic cuts. Regarding periodization, the fifteenth, sixteenth, seventeenth and eighteenth centuries are less discussed, together they represent 10%, most researches focus on more recent periods, the twentieth century represents 56%, the nineteenth is treated in 23% and XXI, in 11% of the articles. This finding is related to the availability of sources. However, other elements, such as the themes addressed, can build a more precise explanation. The geographic clippings point to research on Brazil in 49%, Europe in 26% and South America in 10% of the articles. Works articulating countries from different continents add up to 14% and deal with South American relations or between South America and Europe. Only 1% of the articles deal with North America. Despite the strong international dialogue, this is restricted to Europe and neighboring countries, showing limits to internationalization, with reinforcement of dialogue with already well-established actors. Regarding the themes, they were categorized into 17 themes, but there was a concentration in some. Almost a quarter of the articles (24%) dealt with the theme “Educational Ideas, Systems of Thoughts, Intellectuals and Education”; 12% of “Educational Prints – manuals, textbooks, periodicals”; 8% of the “Teaching Profession, Memories and Teacher Training”; 6% of “School Disciplines, Curriculum, School Culture”. Publications with traditional issues remain as the main ones and emerging issues such as gender, ethno-racial issues and childhood have less presence. This survey points out issues relevant to the characterization of a journal with the best institutional evaluation, as well as what is generally researched in Brazil and with whom dialogue is privileged. Possibilities open up: validation of new sources, or new treatments, capable of stepping back in periodization is a challenge to be faced; as well as proposing new international interlocutors and an effort to transpose the plurality of perspectives on Education as a whole to the History of Education in particular.

Keywords: Journal of History of Education; Bibliometrics; Research in History of Education.

Resumen

Este trabajo se centra en los artículos publicados en la Revista de História da Educação (RHE), editados por la Asociación de Investigadores en Historia de la Educación (ASPHE) entre 2017 y 2019, clasificados como A1 en el sistema QUALIS / CAPES. Comprender lo que se publica en Historia de la Educación en una revista que, además de ser bien considerada, forma parte de la constitución histórica del campo de Historia de la Educación, aporta elementos importantes para entender cómo se presenta hoy este campo. El objetivo es enumerar y analizar los temas presentes en la revista, sus recortes históricos y geográficos. La metodología utilizada está anclada tanto en la bibliometría como en la investigación histórica. La recolección de datos se realizó con el subsidio de una tabla que designaba el número, volumen, mes / año de publicación; título; autor (es) y su (s) afiliación (es); palabras: claves, número de páginas, tiempo y recortes geográficos; temático. El tratamiento se limitó a cortes temporales, geográficos y temáticos. En cuanto a la periodización, los siglos XV, XVI, XVII y XVIII son menos discutidos, juntos representan el 10%, la mayoría de las investigaciones se centran en periodos más recientes, el siglo XX representa el 56%, el XIX se trata en el 23% y el XXI, en el 11%. de los artículos. Este hallazgo está relacionado con la disponibilidad de fuentes. Sin embargo, otros elementos, como los temas abordados, pueden construir una explicación más precisa. Los recortes geográficos apuntan a investigaciones sobre Brasil en el 49%, Europa en el 26% y Sudamérica en el 10% de los artículos. Las obras que articulan a países de diferentes continentes suman un 14% y se refieren a las relaciones sudamericanas o entre Sudamérica y Europa. Solo el 1% de los artículos se refieren a América del Norte. A pesar del fuerte diálogo internacional, éste se restringe a Europa y países vecinos, mostrando límites a la internacionalización, con refuerzo del diálogo con actores ya consolidados. En cuanto a los temas, se categorizaron en 17 temas, pero hubo concentración en algunos. Casi una cuarta parte de los artículos (24%) versó sobre el tema “Ideas educativas, sistemas de pensamiento, intelectuales y educación”; 12% de “Impresiones educativas: manuales, libros de texto, publicaciones periódicas”; El 8% de la “Profesión Docente, Memorias y Formación del Profesorado”; 6% de “Disciplinas escolares, currículo, cultura escolar”. Las publicaciones con temas tradicionales siguen siendo los principales y los temas emergentes como el género, las cuestiones étnico-raciales y la infancia tienen menos presencia. Esta encuesta señala temas relevantes para la caracterización de una revista con la mejor evaluación institucional, así como lo que

generalmente se investiga en Brasil y con quien se privilegia el diálogo. Se abren posibilidades: la validación de nuevas fuentes, o nuevos tratamientos, capaces de retroceder en la periodización es un desafío a afrontar; así como proponer nuevos interlocutores internacionales y un esfuerzo por trasladar la pluralidad de perspectivas sobre la Educación en su conjunto a la Historia de la Educación en particular.

Palabras clave: Revista de Historia de la Educación; Bibliometría; Investigación en Historia de la Educación.

Introdução

Estudos sobre produtivismo acadêmico já tem possuem certo acúmulo na comunidade acadêmica: ZUIN; BIANCHETTI (2015), KUHLMANN JR. (2015); LEITE (2017) são exemplos de como essa discussão tem caminhado. Além de observações sobre o adoecimento docente, sobre a qualidade das pesquisas, entre outros elementos, o que se pode concluir com esses estudos é que para o bem ou para o mal, publicar é importante. Com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) estabelecendo critérios de qualificação e ranqueamento de periódicos (sistema QUALIS), ganha importância onde se publica. Quanto melhor qualificada é uma revista, mais prestígio o autor que publica nela tem.

Discutir se os critérios usados no QUALIS/CAPES são os mais adequados, ou se refletem com justeza a qualidade dos diferentes periódicos pode e deve ser motivo de debate na comunidade científica. Contudo, hoje é ele que determina quais são as publicações mais cobiçadas por autores em um determinado campo. Por outro lado, todos os campos científicos no país possuem estreita relação com os programas de pós-graduação *stricto sensu*, o que significa que periódicos acadêmicos estabelecem estreita relação com a pesquisa realizada nesse ambiente.

Entender sobre o que se publica em qualquer área é uma ferramenta útil a pesquisadores, sobretudo os iniciantes, que estão em fase inicial de construção do próprio currículo. Também o é para o campo em si quando é capaz de esboçar um quadro do que se está pesquisando. Em História da Educação além de mapear sobre o que se publica, informações sobre o tempo histórico e o espaço abordado dessas pesquisas são

informações adicionais de especial importância. Com esse tipo de dados analisados pode-se pensar sobre alternativas para ampliar o escopo de pesquisas quando estas se mostram pouco exploradas, tanto quanto planejar e propor projetos, grupos, núcleos de pesquisas alicerçados na percepção tangível da necessidade de melhor exploração.

Esse panorama acaba apontando para perguntas simples como: Quais temáticas são mais abordadas? Determinadas temporalidades são privilegiadas? Sobre quais espaços geográficos a História da Educação no país busca diálogo? Se as perguntas se apresentam por demais elementares o caminho para respondê-las demanda esforço, já que não é pouco o volume de publicações e a compreensão dos possíveis desdobramentos dessas questões demanda análises cuidadosas.

O ideal de uma pesquisa nesse sentido é conseguir coletar dados no maior número de periódicos na área e com o maior recorte temporal possível, um tipo de investigação que demanda um trabalho coletivo, bem coordenado, com financiamento adequado, o que é possível, mas pouco usual na produção acadêmica nacional. Desse modo, a estratégia de eleger periódicos específicos, limitado a poucas revistas quando os objetivos envolvem a comparação, com recortes temporais factíveis de se realizar torna-se a solução para que esse tipo de pesquisa se concretize. Essa foi a escolha de pesquisadores como SOUZA (2019) e BRANDÃO; et al (2021).

Metodologia

A Revista de História da Educação (RHE) é editada pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE). A associação é pioneira na área, contribuindo largamente para constituição do campo de História da Educação. A escolha por essa revista se dá pelo espaço ocupado no campo da História da Educação, é considerada pioneira no campo, está conceituada como A1 no sistema QUALIS/CAPES, extrato mais alto de avaliação. Dessa forma, a revista se apresenta como boa fonte para fornecer pistas para se pensar a produção em História Educação.

A metodologia utilizada está ancorada tanto na bibliometria (pesquisa quantitativa), como na pesquisa histórica. A associação de mecanismos próprios de pesquisa em biblioteconomia, especialmente na coleta e tratamento inicial dos dados, e análises ancoradas no fazer historiográfico contribui para que os resultados sejam mais

bem estruturados e apresentados com suportes próprios da História. A coleta de dados se deu com o subsídio de uma tabela que designava o número, volume, mês/ano da publicação; título; autor (es) e sua (s) filiação (ões); palavras – chaves, número de páginas, recortes temporal e geográfico; temática. O tratamento desses dados ficou circunscrito aos recortes temporal, geográfico e temático. Concorda-se, portanto, com GATTI:

No emprego dos métodos quantitativos precisamos considerar dois aspectos, como ponto de partida: primeiro, que os números, frequências, medidas, têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles, e que deixam claro seu alcance; segundo, que as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema, as quais guiam as análises e as interpretações. (GATTI, 2004, p.13)

A construção da tabela temática baseou-se em publicações que já se utilizaram de bibliometria (SOUZA, 2019), contudo ela sofreu adaptações.

Resultados

Segundo o site institucional a Revista Brasileira História da Educação (ASPHE), a revista é fruto das atividades da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – ASPHE. Assim, a revista é ligada não a uma Instituição de Educação Superior (IES), mas à associação. Quando a publicação se tornou online, 2011, passou-se a utilizar o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – Seer/Ibict, que utiliza o provedor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas a revista segue como responsabilidade da ASPHE. O pioneirismo da associação, que é a primeira agregar pesquisadores de História da Educação, refletiu-se na revista que é das mais antigas no país e em 2017 passou a ser classificada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com o QUALIS A1 (ASPHE, 2021).

O recorte dado a esse trabalho foi de 2017-2019. Em 2017 e 2018 apresentava-se em formato quadrimestral e em 2019 passa ao formato de fluxo contínuo. Nos três anos, 147 artigos foram publicados: 48 em 2017, 45 em 2018 e 54 em 2019. Foram 3630 páginas dedicadas aos artigos: 993 em 2017, 965 em 2018 e 1672 em 2019. O aumento expressivo tanto em relação a quantidade de artigos, como a páginas publicadas em 2019

pode ser justificado pela mudança de formato. Registre-se que o número de páginas tratados aqui dizem respeito apenas a artigos, pertencentes ou não a dossiês, a publicação tem um total maior de páginas já que não se considerou editoriais, apresentações, entrevistas entre outros documentos da revista.

Temáticas

Foram designadas temáticas *a priori* na coleta de dados. Como já assinalado a tabela foi construída tendo como base o trabalho de SOUZA (2019), contudo, foram realizadas adaptações, como por exemplo: Souza estabelece como temática História da Educação Feminina/Mulher/Gênero, adaptada aqui simplesmente para gênero. Na tabela do presente trabalho se agrupam pesquisas que discutam o enfoque do gênero masculino também, como pesquisa sobre instituições próprias para meninos. Outra temática modificada alterada foi “Escolas/universidades em âmbito mundial” no trabalho de Souza (2012) para Educação Superior, uma vez que o recorte espacial dos artigos já estava sendo coletado.

TABELA 1 – Temáticas presentes na revista.

	Temática	Nº	%
1	Ideias Educativas, Sistemas de Pensamentos, Intelectuais e Educação	49	24
2	Sistemas Escolares/Educativos, Políticas Educacionais (Educação Rural, Especial, EAD, EJA, Fundamental, Média e Superior)	8	4
3	Disciplinas Escolares, Currículos, Cultura Escolar	13	6
4	Profissão Docente, Memórias e Formação de Professores	17	8
5	Impressos Educacionais – manuais, livros didáticos, periódicos.	24	12
6	Fontes para historiografia educacional	9	4
7	Questões etno-raciais (multiculturalismo, diversidade, imigração/migração, educação dos povos negros, indígenas e quilombolas)	10	5
8	Instituições Escolares, Espaços Educativos	14	7
9	História e Historiografia da Educação	8	4
10	Ensino de História	1	0,5
11	Gênero	5	2

12	Infância – Educação Infantil	7	3
13	Formação Profissional/Técnica	2	1
14	Trabalho e Educação	1	0,5
15	Educação Superior	12	6
16	Cultura Material	14	7
17	Outros	12	6
	TOTAL	206	100%

Fonte: elaboração própria com base em dados coletados em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/index>

A primeira questão a ser assinalada é a discrepância entre o número total de artigos e as temáticas abordadas. São 147 artigos, mas encontramos 206 temáticas. A análise de um manual didático (tema 5) pode estar a serviço da compreensão das ideias de seu autor, tendo como foco o intelectual e não o manual (tema 1), ainda assim o manual em si pode receber bastante destaque. Dessa forma ao invés de fazer o artigo caber em uma temática única ela pode ser alocada em duas temáticas ao mesmo tempo. Contudo, não se ultrapassou o limite de duas temáticas predominantes para que, ao flexibilizar para melhor corresponder a realidade, tal ação não acabasse por ter o efeito contrário, de distorção. Até mesmo para manter parâmetros mais sólidos para as análises.

A primeira informação relevante na leitura da tabela 1 é a distribuição de artigos entre as temáticas. O tema 1 aparece como sendo o mais abordado, presente em 24 % das publicações. Isso significa que algo bem próximo de um quarto dos artigos versam sobre sistemas educativos, sistema de pensamentos e intelectuais presentes na educação. Esse é um dado significativo que aponta para uma boa produção sobre o tema na pesquisa educacional. A relação entre publicações e produções são conectadas, uma vez que a revista é ligada a uma associação de pesquisadores em história da educação. Outros temas bem explorados são 5, correspondendo a 12 %; 8 e 16 correspondendo a 7 %; 15 e 17 correspondendo a 6 % dos artigos publicados. Seis temáticas são responsáveis por 70 % dos artigos em um universo de 17 temáticas, todas como alguma publicação no recorte temporal. Destaca o tema 17, “outros” que possui presença marcante. Esse dado indica que o escopo das pesquisas na área de História da Educação vem se tornando maior, assuntos como escotismo, laicidade, sexualidade intermediada pela literatura, entre outros formam esse “outros”, não seria o caso de ajustar a tabela aos temas não representados

pela pouca representatividade de cada um, mas agrupados dessa forma o dado nos revela o movimento de ampliação nas temáticas pertinentes ao campo da História da Educação.

Segundo Souza (2019, p. 19) entre 2002 e 2011 as temáticas mais representativas na Revista de História da Educação eram 1- Instituições Escolares, Espaços Educativos, com 22 %; 2- Sistemas Escolares/Educativos Políticas Educacionais (Educação Rural, Especial, EAD, EJA, Fundamental, Média e Superior), com 15%; 3- Ideias Educativas, Sistemas de Pensamentos, Intelectuais e Educação, com 14 %; 4- Profissão Docente, Memórias e Formação de Professores com 10 % 5- História e Historiografia da Educação, Ensino de História, História da Educação e 6 – Impressos Educacionais (Livros, Revistas, Cartilhas, etc.), Fontes Impressas (Jornais), com 8% cada tema. Esses 6 temas entre os 13 presentes na tabela do autor correspondem a 77% dos artigos. Percebe-se aqui que Ideias Educativas, Sistema de Pensamentos, Intelectuais e Educação; Impressos Educacionais, Fontes Impressas; Institucionais Escolares, Espaços Educativos, já eram relevantes no período tratado pelo autor. Contudo, também é significativo assinalar as mudanças nos interesses. Na tabela apresentada por Souza, trabalhos específicos em Educação Superior não tem categoria própria. Ao criá-la para o presente trabalho, percebe-se o acerto na escolha, já que a temática ocupa um espaço significativo hoje.

Há temáticas que não possuem grande representatividade, o que pode significar que a produção da pesquisa em história da educação também não tem tido tanto fôlego para elas. Nas temáticas Formação Profissional/Técnica, Trabalho e Educação, Ensino de História, foram poucos artigos publicados. No entanto, dessas três temáticas, duas também são publicadas em periódicos fora do campo de História da Educação: Trabalho e Educação e Ensino de História. Dessa forma, coloca-se aqui um limite para a extrapolação na relação de pesquisas e artigos produzidos em História da Educação. A baliza da interdisciplinaridade, quando um mesmo tema da historiografia da educação é pertinente a outros campos, foi escolhida nesse caso.

A pluralidade temática na revista de História da Educação encontra eco na pesquisa a respeito das temáticas usuais em revistas de altos extratos no Qualis/CAPES de Daniel C. V. Mucciolo (2018). O pesquisador levanta as temáticas mais presentes em 42 revistas da área de Educação com avaliações A1 e A2 de 2012 a 2017, a partir das palavras-chaves. A lista de ocorrências apresentada é significativa: foi possível listar mais de 20 palavras-chave, ou temas, que possuíam mais de 100 ocorrências (MUCCILO,

2018). Ainda que o recorte temporal dado pelo autor supracitado não coincida exatamente com o desse artigo, a proximidade temporal entre os dois trabalhos favorece o diálogo.

Miriam Warde afirma:

A gênese e o desenvolvimento da História da Educação estão no campo da Educação, do qual ela foi convertida em **enfoque, abordagem**. Assim, **efetivamente** A História da Educação não configura uma especialização temática da História, mas, sim uma **ciência da educação** ou **ciência auxiliar** da educação. (WARDE, 1990. Negritos da autora)

A pesquisadora afirma que a História da Educação **efetivamente** se constituiu em uma ciência da educação. A leitura dada aqui para o efetivamente escrito pela autora é duplo: tanto no sentido de que a História da Educação se constituiu em meio a Educação, foi nessa área que se delimitou como campo; como com o entendimento que é o campo vivenciado, construído enquanto realidade. Essa perspectiva fornece a compreensão que as temáticas apresentadas em periódicos de História de Educação dialogam intimamente com o que se pesquisa em Educação. Se o escopo temático da última se diversifica é provável que se observe o mesmo em pesquisas da primeira, ainda que esse movimento não seja automático ou simultâneo.

Temporalidades

O recorte temporal recebeu um critério ainda menos rígido que as temáticas, utilizou-se o recorte temporal concretamente expresso. A maioria dos artigos que tratam de mais de um século aborda apenas dois, especialmente século XIX - XX e XX - XXI. Contudo, há algumas ocorrências de recortes mais amplos que abordam do século XV ao XIX, por exemplo. Por isso, outra vez, há discrepância entre o número de artigos e os períodos abordados, são 189 menções aos períodos em 147 artigos.

GRÁFICO 1



Fonte: elaboração própria com base em dados coletados em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/index>

A concentração das pesquisas no século XX não é surpresa, uma vez que é o século com maior disponibilidade de fontes no país. O século antecedente aparece como o segundo mais presente e o posterior o terceiro. Não foi difícil encontrar artigos que se propusessem justamente a pesquisar essa transição dos séculos. Além disso, pesa-se a História do Brasil que vê na passagem do XIX para o XX a Primeira República, o que fez o trabalho com o século XIX ganhar projeção junto com o XX. É também em articulação com o século XX que o século corrente se apresenta na maioria dos artigos.

O período que vai do século XV ao XVIII pouco é trabalhado. O reconhecimento de maior oferta de fontes no século XX apresenta-se como uma justificativa: quanto mais o recorte temporal se afasta do presente, maior é a dificuldade em se encontrar fontes. Pesa também o atraso em construir uma estrutura escolar significativa no país até, pelo menos, o final do século XIX.

Outra leitura possível a partir da mesma constatação é que não se tem procurado alternativas para mitigar esse problema, buscar e justificar fontes menos tradicionais à historiografia da educação poderia contribuir para a construção da História da Educação do período no Brasil.

José Claudinei Lombardi (2004) orienta:

Às vezes existe o problema de as fontes pretendidas serem lacunares, parciais, escassas, raras ou dispersas. Assim, é preciso usar informações iniciais obtidas

para que estas nos levem a novos dados, lendo “nas linhas e entrelinhas” e atentos aos indícios que levam a novas perguntas e a novas fontes – formando, dessa forma, uma rede de informações. (LOMBARDI, 2004, p. 156).

Passaram-se dezessete anos que Lombardi colocou o problema da disponibilidade de fontes, bem como uma estratégia para solução e a questão segue sendo atual. Ao pesquisador brasileiro soma-se uma quantidade significativa de historiadores que entendem que qualquer vestígio deixado pela humanidade é potencialmente uma fonte. Não sem razão o capítulo de Le Goff (1990,) “Documento Monumento” é indicado em aulas de graduação e pós-graduação, até mesmo por professores que não buscam filiação na Escola dos Annales. Dessa maneira, para a historiografia da Educação que se faz no país possa dar conta de uma temporalidade maior é necessário aguçar mais o olhar não só para diferentes tipos de fontes, mas, como muito bem coloca Lombardi, para novas perguntas.

Espaços

A análise do recorte geográfico aponta para uma forte tendência de internacionalização nos periódicos. A revista, por exemplo, possui textos somente em língua estrangeira. Há um diálogo significativo com outros países, mas uma grande concentração em determinados interlocutores.

GRÁFICO 2



Fonte: elaboração própria com base em dados coletados em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/index>

O gráfico 2 nos apresenta informações pertinentes tanto pelos números que o geraram, como pelas ausências identificadas. Se a flexibilidade pautou a coleta de dados das duas outras categorias, essa o rigor ofereceu maior vantagens para modelar a realidade. Usando os continentes como critério e acrescentado “intercontinental” foi possível uma análise significativa.

Uma leitura aproximada nos indica que os artigos são divididos em aproximadamente dois grupos: a discussão centrada no Brasil ocupa uma metade e a internacional a outra. Contudo observa-se que as publicações acabam por se concentrar em determinadas partes do globo terrestre. Tem-se como primeiro recorte e, também, primeiros interlocutores internacionais países europeus, com 26 %. São 16% a mais que o diálogo com os países da América do Sul, que contam com 10%, continente em que o Brasil se encontra. A categoria intercontinental agregou pesquisas que versavam de estudos comparativos entre países de diferentes continentes, como América do Norte e América do Sul; Brasil e Europa. Estudos entre Brasil e países Sul-americanos ficaram na categoria da América do Sul.

Sobre o que podemos inferir com o gráfico 2, sem estar claramente expresso, é que não há diálogo com os continentes da África, Ásia e Oceania. Sequer foram encontradas publicações que ficassem na categoria intercontinental em que se abordasse essas regiões. A lei 10639 (BRASIL, 2003), que tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira não parece ter qualquer reflexo no diálogo tanto com pesquisadores da África, como nas pesquisas sobre a África feitas por pesquisadores nacionais na RHE.

Esse é um dado importante, na medida que dentro das Ciências Humanas (e Sociais) o pensamento decolonial vem ganhando terreno. Ainda que sua constituição efetiva seja recente – Ballestrin (2013) marca suas origens no início do século XXI – a epistemologia já tem alguma relevância. Portanto, ao apresentar um diálogo substancialmente maior com a Europa, e não apresentando qualquer trabalho relacionado a outros continentes entendidos como periféricos a revista apresenta uma certa refração a essa discussão. O tipo de dados colhidos e tratados não torna possível afirmar que essa é uma decisão editorial consciente, mas apontam para essa constatação.

A partir dessa observação, surgiu a pergunta se a preferência pelo diálogo com a Europa não se fundamentaria na necessidade de internacionalização tanto das universidades como dos periódicos. Rodrigues et al. (2021) afirma que publicações das áreas de Ciências Humanas e Sociais são mais comumente feitas em editoras de universidade, diferente das Ciências Exatas e Naturais que acabam publicando mais em editoras comerciais. Dessa forma, não só a revista se beneficiaria em avaliações institucionais, como também a instituição que abriga sua editora. Portanto, foi preciso retornar a fonte primária e coletar dados específicos sobre artigos publicado em língua estrangeira. Observou-se que a primeira língua estrangeira que aparece é o Espanhol (Espanha) de autoria tanto de autores latino-americanos como espanhóis. Foram encontrados trinta e nove artigos nessa linha, desses, três tinham versões além do espanhol, uma possuía versão em francês e as outras duas em inglês. Em seguida aparece o inglês com seis artigos, como mencionado, dois desses com versão em espanhol. O italiano foi o idioma de quatro publicações. Dois artigos foram publicados em língua francesa, um com a versão canadense e outro com a francesa. Notou-se que, quando os artigos estavam em mais de um idioma, em nenhum dos casos este era o português. Assinala-se que as ocorrências de português de Portugal não foram contabilizadas.

Assinala-se que foram observadas cinquenta e seis publicações em língua estrangeira, predominando o espanhol. É preciso levar em conta que o idioma preferencial de internacionalização é o inglês que possui apenas seis ocorrências. O total de artigos com recorte espacial que não o Brasil é de setenta e cinco, ainda que representativo a internacionalização isoladamente não justifica o intercâmbio preferencial com a Europa, até mesmo pela parte significativa de artigos publicados em espanhol por autores ligados a América Latina.

A ligação colonial com a Europa não pode ser subestimada ao analisar esse dado, uma vez que a matriz de pensamento dominante no país é assentada no pensamento ocidental, do hemisfério boreal. Agregando os dois fatores, a pressão por internacionalização e o relacionamento intelectual ligado à ao Velho Continente, a análise surge mais próxima do real, uma vez que é na decorrência de ambos que se publica. Um artigo científico não deve se prestar a tecer juízo de valor, portanto, a relação colonial como explicação não pode ser encarada de forma negativa. O pretendido aqui é assinalar

e analisar o que se manifesta na revista, buscando diálogo com perspectivas correntes na Educação.

Considerações Finais

O editorial da revista *Phisis* (2014) - de Saúde Coletiva, publicada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – pergunta em seu título: “Publicar ou Perecer, ou Perecer por Publicar (em excesso)?” (Camargo Jr., 2014), os questionamentos do editor abrem espaço para que se reforce a necessidade de se manter uma postura crítica e reflexiva sobre o que publicar, mas também sobre onde publicar e mesmo a razão. Nesse sentido, é preciso um reforço em pesquisas que tenham foco as diversas facetas de um artigo, as relações de coautoria, o financiamento, as revistas, o acesso a essas revistas, as políticas editoriais estão entre as principais questões sobre o tema. Esse artigo atentou-se a uma faceta, somente os artigos publicados na RHE. Mesmo com esse recorte estrito, com objetivos mais “simples” no decorrer da pesquisa e da escrita surgem questões relevantes e de fôlego. Essas não necessariamente foram superadas, mas permitem aguçar o olhar para o que se publica em História da Educação, servir de outro ponto de partida.

Assinala-se que essas novas questões estão presentes no bojo das análises que se prestaram a alcançar os objetivos propostos previamente, que, nesse caso, tiveram um desfecho mais bem definido. É possível perceber a dificuldade em se pesquisar temporalidades que retrocedam mais do que a constituição do Brasil como nação independente, no caso da RHE apenas 10 % dos artigos tratam de períodos anteriores ao século XIX. A revista é marcada por recortes espaciais internacionais, que mesmo que por apenas dois pontos percentuais ocupa a maior parte da revista, já que recortes geográficos que não “Brasil” representam em 51 % dos dados, com a Europa sendo responsável por 26% do total dos artigos, mas que o idioma em que se escreve sobre esses recortes tem, relativamente, uma importância menos marcante. Mas, talvez, a questão mais relevante tenha sido visualizar a pluralidade de temáticas que “couberam” na RHE, mostrando que, pelo menos em uma das revistas mais importantes, a História da Educação tem tido plasticidade suficiente para se propor novas questões. Foram identificados artigos em todas as 17 categorias elencadas e com 6% deles contemplados na categoria “outros” infere-se que a variedade é ainda mais significativa. É possível sugerir que a

mesma originalidade e inventividade seja orientada a questão das fontes, porém essa é uma questão ao mesmo tempo mais sutil e profunda que demanda parcimônia para que se avance realmente.

Abrir-se a conhecer os periódicos para além do QUALIS que ostenta, mas principalmente sobre o que efetivamente publicam em um campo é um caminho para a sua compreensão. O olhar lançado para uma publicação com estreita ligação com a constituição desse campo, como é o caso da RHE, acaba agregando mais responsabilidade nesse sentido.

Articulando pesquisa histórica, com ferramentas da biblioteconomia, e uma certa inserção na metapesquisa, o presente trabalho buscou mapear e analisar aspectos elementares, mas cruciais, dos artigos da RHE. Apresentando indicações das pesquisas atuais em História da Educação, bem como apontando dificuldades. É preciso que historiadores da educação consigam legitimar novas fontes, ampliando também o que se produz sobre educação brasileira em tempos anteriores a consolidação do sistema escolar no país. Se hoje a Educação, enquanto ciência, é encarada como algo maior do que se prática em espaços escolares, não só atuando, mas pesquisando sobre espaços educativos não escolares, a história da educação poderia da mesma forma investigar de forma mais sistemática outros aspectos da educação que não a educação escolar. Por si tal mudança não terminaria as dificuldades em relação as fontes, mas elas seriam mitigadas.

Por fim, é preciso lembrar que mais do que em outros tipos de pesquisa, pensar sobre publicações científicas, universidades, institutos de pesquisa ... é pesquisar sobre si próprio, como parte integrante direta ou indiretamente do(s) problema(s) proposto (s). A tradição positivista nos dizia que fazer algo assim seria o contrário de fazer ciência, mas tal concepção, já em grande medida ultrapassada, não define mais o que é Ciência e hoje atividades de metapesquisas, ou pesquisas que proponham a analisar facetas do fazer científico precisam ser encaradas. Não é, ainda, usual, mas necessária. Como ainda é insipiente esse tipo de trabalho científico está mais propenso a apresentar falhas e erros, que devem servir sempre para a reconstrução desse pensar. Dessa forma, é possível que cada vez se seja capaz de entender e intervir na realidade de forma eficiente ao mesmo tempo que se entende e intervém no fazer Ciência.

Referências

ASPHE. **Revista de História da Educação**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/index>. Acesso em 28 abr. 2021.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política** [online]. 2013, n. 11, pp. 89-117. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103>. Acesso em 01 set. 2021.

BRANDÃO, Hilma A. et al. O Campo História da Educação a partir da análise da Revista de História e Historiografia da Educação (2017-2020) – UFPR. **History of Education in Latin America - HistELA**, v. 4, p. e23668, 3 jan. 2021. Disponível em <https://doi.org/10.21680/2596-0113.2021v4n0ID23668>. Acesso em 29 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 9 jan. 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 02 jun. 2021.

CAMARGO, Kenneth R. de. Publicar ou perecer, ou perecer por publicar (em excesso)? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. 2014, v. 24, n. 2, pp. 337-339. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000200001>. Acesso em 02 set. 2021.

GATTI, Bernardete A. Estudos quantitativos em educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, Apr. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 dez. 2020.

KUHLMANN, Moysés. Produtivismo acadêmico, publicação em periódicos e qualidade das pesquisas. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2015, v. 45, n. 158, pp. 838-855. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143597>. Acesso em 30 set. 2021

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Janete Luzia. Publicar ou perecer: a esfinge do produtivismo acadêmico. **Revista Katálisis** [online]. 2017, v. 20, n. 02, pp. 207-215. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592017v20n2p207>. Acesso em 30 set. 2021.

LOMBARDI, José Claudinei. História e Historiografia da Educação: atentando para as fontes. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (org.) **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Editores Associados, HISTEDBR; Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Palmas: Centro Universitário Diocesano do Paraná; Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2004.

MUCCILOLO, Daniel Costa Vianna. Temas das Pesquisas em Educação no Brasil: quantificação das palavras-chave dos periódicos Qualis A de 2012 a 2017. **Espacios**. Caracas, v. 39, n. 35, 2018. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a18v39n35/a18v39n35p07.pdf> . Acesso em 20 ago. 2021.

RODRIGUES, Rosângela Schwartz; et al. Internacionalização de Artigos Científicos: estudo dos autores de uma universidade brasileira. **Em Questão**. Online first. Porto Alegre, 2021. Disponível em: Internacionalização de artigos científicos: estudo dos autores de uma universidade brasileira | Rodrigues | Em Questão (ufrgs.br) . Acesso em 01 set. 2021.

SOUZA, Sauloéber Tarsio de. Historiografia Educacional no Brasil: reflexões a partir das publicações da Revista História da Educação (ASPHE, 1997-2006) e dos Cadernos de História da Educação (UFU, 2002-2011). **History of Education in Latin America**, v. 02, p. 02-28, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/17794>. Acesso em 18 out. 2020.

WARDE, Mirian. Contribuição da História para Educação. **Em Aberto**. Brasília, v. 9 n. 47 p 3- 11, 1990. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2100/1839>. Acesso em 25 ago. 2020.

ZUIN, Antônio A. S.; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do "publique, apareça ou pereça": um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2015, v. 45, n. 1, pp. 726-750. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143294>. Acesso em 30 set. 2021.